



EDIÇÃO CRÍTICA DE  
FERNANDO PESSOA

VOLUME IX



A EDUCAÇÃO DO  
STOICO

IMPRESA NACIONAL - CASA DA MOEDA

## Introdução

O título *A Educação do Estóico* — ou, como Pessoa escrevera, *Stoico* — tem servido para encabeçar os textos atribuídos ao Barão de Teive que até nós chegaram. Sob o mesmo título, de que existe apenas um testemunho manuscrito, reunimos no presente volume todos esses textos e alguns outros, de atribuição dubitada ou carácter suplementar, que remetemos para apêndice. O título não figura em listas de projectos e é possível que não estivesse completamente fixado, uma vez que muitos originais estão identificados pelo apelido «Teive» e não pelo nome da obra, mas consideramos prudente mantê-lo, uma vez que as outras alternativas (*O Unico Manuscrito*, *O Unico Scripto* e *A Profissão do Improductor*) não se revelam mais seguras.

A obra do Barão de Teive terá despontado em princípios de Agosto de 1928, num caderno de apontamentos de capa preta e folhas quadriculadas. Os textos atribuídos ou atribuíveis ao «fidalgo» nesse caderno — inventariado com a cota 144Q — constituem a primeira parte do Texto Crítico. Publicam-se aqui, respeitando a unidade material do suporte e a sequência das páginas. A segunda parte está constituída pela outra metade dos textos destinados à obra de Teive, que se encontra dispersa em folhas de diverso tamanho e material, quer manuscritas, quer dactilografadas. Apenas uma delas se encontra datada, de 27/3/1930, embora seja possível discutir a datação de algumas outras.

No Apêndice publica-se um texto destinado a *L[ivro] do D[esasocego]* (ou *Teive?*) — repare-se que o nome do autor (*Teive*) está pelo da obra (*A Educação do Stoico*) — e quatro textos suplementares: (1) um fragmento do prefácio ao livro *Ficções de Interludio*, em que Pessoa compara os estilos de Bernardo Soares e do Barão de Teive; (2) outro fragmento, porventura para o mesmo prefácio, que tem sido publicado como a coda do anterior, embora os originais apresentem diferenças materiais; (3) um trecho em inglês, em que se refere uma frase de Leopardi que cita o Barão; e (4) outro texto em inglês, sobre Leopardi, Vigny e Antero, intitulado *Three Pessimists*, mote pelo que o Barão também alude aos três poetas. Também duas listas de projectos.

\*\*\*

O espólio de Pessoa continua amplamente inédito e por editar criticamente. Por isso, tão importante como publicar o material que falta é rever o que já foi publicado, palavra a palavra, e reconstituindo a génese dos textos. A Edição Crítica procura um maior compromisso entre materialidade e sentido, entre as características físicas dos autógrafos e o conteúdo dos textos. O facto de dois escritos se referirem à infância, por exemplo, é considerado um critério insuficiente para aproximar e publicar juntos dois textos com características materiais diferentes, ou, mais abusivo ainda, para «arrastar» um segmento de aqui para acolá, quebrando a unidade do documento original, de modo a oferecer uma leitura menos sinuosa.

Da mesma maneira, consideramos desnecessário «limar» os fragmentos que ficaram para que «encaixem» melhor uns com os outros e apagarem as marcas de fragmentação e dubitação de muitos textos. Ao editor não corresponde completar um trabalho supostamente inacabado, mas editar o que ficou, guiando-se pelas indicações existentes e sem tentar suplantar em nenhum momento o autor. Nomeadamente no caso de certas produções fragmentárias, que se multiplicaram com a modernidade, e muito especialmente no caso de Pessoa, que deixou uma arca cheia de fragmentos. Tanto que a própria *Educação do Stoico* pode ser lida — é uma das leituras possíveis — como uma encenação do «drama» da obra imperfeita.

Mas o que é a perfeição? O que é o acabamento? O que é uma obra? Teive cita uma frase de Carlyle, referente a Shakespeare, que Pessoa também cita em *O Homem de Porlock* (1934): “*Disjecta membra*” disse Carlyle, “é o que fica de qualquer poeta, ou de qualquer homem”. Nesse ensaio, Pessoa lembra a história da composição de um fragmento lírico de Coleridge e defende que membros «inconjuntos» é o que fica de qualquer homem. Múltiplas causas interrompem a produção de *uma obra acabada e visível*, para citar ao Barão, e de todas elas a maior é a morte. Neste sentido não parece fortuito o facto de Pessoa ter ideado uma figura suicidária, já que com a morte de Teive cessa também toda a possibilidade de atingir uma maior perfeição.

\*\*\*

Como editar o Barão? Como editar Pessoa? Sem tentar reconstituir uma imagem desejada com fragmentos de um espelho partido.

\*\*\*

Digamos que existem duas lógicas. Uma de reconstituição, outra de apresentação. De acordo com a primeira, é possível reconstituir uma obra mais unitária e coesa, ao nível do conteúdo; de acordo com a segunda, convém apresentar o que ficou sem ensaiar reconstruções póstumas e dando maior relevo à materialidade dos suportes, para partir de um aspecto concreto. Seguindo a primeira lógica, o resultado será um *collage*, em que passaremos de uma página de caderno para um dactiloscrito a roxo (ou um manuscrito em papel de jornal), para voltar a uma outra página de caderno. Seguindo a segunda, o resultado será uma tela, sobre a qual poderemos distinguir diferentes peças, dispostas num certo número de grupos.

A.

<i>Manuscrito</i>	Caderno p. 8
Caderno p. 1	Dactiloscrito
<i>Manuscrito</i>	Dactiloscrito
Caderno p. 3	<i>Manuscrito</i>
Dactiloscrito	Caderno p. 2
Dactiloscrito	<i>Manuscrito</i>
Caderno p. 5	Caderno p. 6
Dactiloscrito	Caderno p. 4
Caderno p. 7	Caderno p. 9

B.

Caderno p. 1	<i>Manuscrito</i>
Caderno p. 2	<i>Manuscrito</i>
Caderno p. 3	<i>Manuscrito</i>
Caderno p. 4	<i>Manuscrito</i>
Caderno p. 5	Dactiloscrito
Caderno p. 6	Dactiloscrito
Caderno p. 7	Dactiloscrito
Caderno p. 8	Dactiloscrito
Caderno p. 9	Dactiloscrito

Este esquema comporta várias simplificações e não se pode descartar *a priori* a possibilidade de intercalar entre si as peças de certos tipos básicos. Mas o importante é salientar que estes tipos existem e que incorremos numa certa violência quando «colamos» um dactiloscrito entre dois trechos redigidos num caderno. Quando há relativa identidade de papel, formato, instrumento e estilo de escrita, o mais provável é que exista continuidade entre as páginas 3 e 4 de uma série de folhas, nomeadamente, se estas folhas ainda estiverem encadernadas. Para quebrar as unidades parciais de certos grupos ou tipos básicos, convém ter indicações muito explícitas do autor ou fortes evidências do nexos entre dois textos materialmente dissemelhantes.

\*\*\*

A presente edição procura um grande compromisso entre materialidade e sentido. A arrumação não responde a uma leitura subjectiva dos conteúdos das peças individuais, senão a um estudo cuidadoso de cada um dos suportes, de modo a poder discutir a sua datação e contextualizar a produção do autor. Em relação a este último aspecto, é necessário indicar que no

Aparato Genético o leitor encontrará muitas outras transcrições que lhe permitirão situar *A Educação do Stoico* no contexto da criação pessoal; a maioria procede do caderno 144Q, que se revelou precioso. Este caderno possibilita descobrir muitos dos projectos literários vigentes em 1928, altura em que Pessoa terá começado a escrever a prosa do Barão de Teive.

Para acrescentar só uma transcrição às existentes no Aparato Genético, copiamos textualmente aqui uma lista presente na página 14<sup>v</sup>, isto é, oito folhas antes da primeira folha de *Teive*:

1. *Banqueiro Anarchista*
2. *Despedida do Caixa* <sup>1</sup>
3. *Allegações Finaes* (?)
4. *O Beijo na Florinda*
5. *Fundação do Anti-Syndicato.*
1. = 6. *Casa de Saude de Caxias*
7. *Epiphania do Gastronómo.*
8. *Uma Tarde Clerical.*

Trata-se de um elenco breve e muito significativo, embora quase todos os projectos continuem inéditos. Por esta lista podemos reconhecer com mais facilidade alguns fragmentos ficcionais presentes no caderno 144Q e por ela compreendemos melhor que *A Educação do Stoico* surgiu inicialmente no âmbito de outras ficções e que o Barão de Teive não despontou como semi-heterónimo, mas como personagem de uma ficção. O futuro e mais apurado conhecimento da prosa ficcional de Pessoa ajudará a estudar conjuntamente as figuras inseridas em contos (Marcos Alves, Abílio Quaresma, o Major Bastos, etc.) e as «destacadas em absoluto» pelo estilo (Vicente Guedes, Bernardo Soares, Barão de Teive), segundo a distinção ideal que se lê no texto 41.

\*\*\*

O Barão de Teive, cuja idade no ano da morte (1920) desconhecemos, diz pertencer a uma geração *que perdeu por igual a fé nos deuses das religiões antigas e a fé nos deuses das irreligiões modernas*; e acrescenta: *não creio na Virgem Maria nem na electricidade*. Esta consciência geracional aproxima-o de Bernardo Soares, que recebeu a incumbência do *Livro do Desasocego* por volta de 1929, substituindo assim Vicente Guedes. O trecho inicial do *Livro* aparenta as duas figuras, da mesma maneira como alguns outros fragmentos que tratam da pertença a uma geração. Indiferentes aos *deuses das irreligiões modernas*, tanto o burguês como o fidalgo são contemporâneos de Pessoa, o que se destaca quando eles se referem à sua época.

# Índice geral

Introdução p. 9

## TEXTO CRÍTICO

I — O caderno 144Q 19

II — Outros suportes 38

III — Apêndice 56

Texto para *O Livro do Desasocego* ou *Teive* 56

Textos suplementares 57

## APARATO GENÉTICO

### ÍNDICES

Índice topográfico 109

Índice geral III